
REGISTRO IMAGÉTICO DE ALGUMAS PRÁTICAS CORPÓREAS DA COMUNIDADE GUARANI MBYÁ

Aloisio Jorge de Jesus Monteiro¹
Isabela Oliveira dos Santos Maria²
Mariane Del Carmen da Costa Diaz³
Roberta Jardim Coube⁴

RESUMO

Procuramos adentrar no universo de algumas práticas corpóreas presentes na comunidade indígena Guarani Mbyá, da aldeia Sapukai, distrito de Bracuí, localizada no município de Angra dos Reis, do Estado do Rio de Janeiro. Objetivamos apresentar um pouco do que vivenciamos com as crianças em termos de atividades lúdicas corpóreas: as danças, o hábito de subir em árvores e o futebol. Para tanto, ao longo do texto apresentaremos algumas fotografias tiradas in loco que representam o momento prazeroso do brincar. Procuramos dialogar com Vânia de Fátima Noronha Alves (2000) e David Le Breton (2007) a respeito do corpo brincante e do conceito de corporeidade, respectivamente. A metodologia utilizada atém-se à construção de narrativas acerca das imagens fotográficas contidas na cultura (corporal) indígena referida. Esta pesquisa constitui-se em construção, todavia identificamos algumas primeiras conclusões que dizem respeito à maneira de os indígenas Guarani intervirem no mundo de forma prazerosa, isto é, com um corpo capaz de mais bem realizar o feito de ser o eixo da relação com o mundo e com o(s) Outro(s). Percebemos também a relevância acadêmica da temática da educação indígena, a qual compõe um campo de saber interdisciplinar, de fronteira.

Palavras-chave: Corpo(reidade). Fotografias. Futebol

IMAGINE REGISTRY OF SOME CORPORATE PRACTICES OF THE GUARANI MBYÁ COMMUNITY

ABSTRACT

We seek to enter into the universe of some bodily practices present in the Guarani Mbyá indigenous community, of Sapukai village, Bracuí district, located in the municipality of Angra dos Reis, in the State of Rio de Janeiro. We aim to present a little of what we experience with children in terms of bodily ludic activities: dances, the habit of climbing trees and football. To do so, throughout the text we will present some photographs taken in loco that represent the pleasant moment of the play. We sought to dialogue with Vânia de Fátima Noronha Alves (2000) and David Le Breton (2007) regarding the bragging body and the concept of corporeity, respectively. The methodology used is to construct narratives about the photographic images contained in the indigenous (corporal) culture referred to. This research constitutes a construction, but we have identified some first conclusions that relate to the way the Guarani natives intervene in the world in a pleasurable way, that is, with a body capable of

¹ Pós-Doutorando de Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra. Possui Doutorado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2004) e Mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense (1994). É Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA/UFRRJ). aloisiojjm@gmail.com

² Mestra em Educação. isabela@gmail.com

³ Mestra em Educação (PPGEduc). maridiaz_ufrj@hotmail.com

⁴ Mestra em Educação (PPGEduc). robertabelcoube@yahoo.com.br

accomplishing the feat of being the axis of the relation with the world and with the Other (s). We also perceive the academic relevance of the subject of indigenous education, which composes an interdisciplinary field of knowledge, frontier.

Keywords: Body. Photographs. Soccer.

REGISTRO IMAGÉTICO DE ALGUNAS PRÁCTICAS CORPÓREAS DE LA COMUNIDAD GUARANI MBYÁ

Resumen

En la comunidad indígena Guaraní Mbyá, de la aldea Sapukai, distrito de Bracuí, ubicada en el municipio de Angra dos Reis, del Estado de Río de Janeiro, buscamos adentrarse en el universo de algunas prácticas corpóreas presentes en la comunidad indígena. Objetivamos presentar un poco de lo que vivimos con los niños en términos de actividades lúdicas corpóreas: las danzas, el hábito de subir en árboles y el fútbol. Para ello, a lo largo del texto presentaremos algunas fotografías tomadas en el lugar que representan el momento placentero del juego. Buscamos dialogar con Vania de Fátima Noronha Alves (2000) y David Le Breton (2007) acerca del cuerpo jugando y del concepto de corporeidad, respectivamente. La metodología utilizada se atiene a la construcción de narrativas acerca de las imágenes fotográficas contenidas en la cultura (corporal) indígena referida. Esta investigación se constituye en construcción, pero identificamos algunas primeras conclusiones que se refieren a la manera de que los indígenas guaraníes intervienen en el mundo de forma placentera, es decir, con un cuerpo capaz de más bien realizar el hecho de ser el eje de la relación con el, mundo y con el (los) Otro (s). También percibimos la relevancia académica de la temática de la educación indígena, la cual compone un campo de saber interdisciplinario, de frontera.

Palabras clave: Cuerpo (reinidad). Fotografías. Fútbol.

INTRODUÇÃO OU... BUSCANDO REFERÊNCIAS

Antes de qualquer coisa, a existência é corporal.

(David Le Breton)

Repleto de sentidos e valores, como marca o antropólogo francês David Le Breton, o corpo deve ser entendido para além de sua dimensão física. Sendo “o eixo da relação com o mundo”, estudá-lo implica desvelar as lógicas sociais e culturais que o envolvem e igualmente os movimentos do homem. Porque corpo é movimento, é deslocamento, é relação, e subentende o homem vivo.

Procuramos adentrar no universo de algumas práticas corpóreas presentes na comunidade indígena Guaraní Mbyá, da aldeia Sapukai, no distrito de Bracuí, localizada no município de Angra dos Reis, do Estado do Rio de Janeiro. O grupo cultiva muitas de suas tradições, entre as quais a língua materna guaraní. E possui uma relação homem/natureza não dicotomizada e estática, mas imbricada e em construção.

Objetivamos apresentar um pouco do que vivenciamos com as crianças em termos de atividades lúdicas corpóreas: as brincadeiras de roda, as danças, os piques, a amarelinha, o hábito de subir em árvores e o futebol. Para tanto, ao longo do texto apresentaremos algumas fotografias tiradas *in loco*.

Neste trabalho, optamos pela utilização da linguagem iconográfica, representada pela fotografia, por considerá-la um valioso registro visual e instrumento de pesquisa, já que compreendem o que Manguel (2001) denominou “processos de leitura da imagem”, os quais, de acordo com Nilda Alves, “estão nas relações que podemos estabelecer entre aquilo que é ‘mostrado’ na fotografia, importante para quem fotografou, e a imaginação de quem a vê e a interpreta, narrando-a sempre” (ALVES, 2008, p.178). Ainda que as imagens falem por si mesmas e tendo em vista que as fotografamos a partir do nosso olhar (permeado por uma visão de mundo própria), intentamos apresentar/construir nossas narrativas – destacando, evidentemente, a coexistência de outras leituras.

O nosso interesse inicial foi, por meio do fazer/pensar pesquisa em Educação, aprender a olhar a cultura do outro, no caso a guarani, isentando certa lente etnocêntrica que impede de ver as culturas, suas singularidades e complexidades, como fenômenos e acontecimentos simplesmente *diferentes* dos nossos, jamais inferiores ou superiores. Compreender, tal como Linton, que “sem a cultura não poderia haver sistemas sociais do tipo humano, nem a possibilidade de ajustamento de novos membros do grupo a eles”. A cultura, um sistema de atitudes e modos de agir, costumes e instruções de um povo funciona como uma lente, na qual o sujeito vê o mundo e age sobre ele. Sobre isso, o antropólogo brasileiro Roque de Barros Laraia afirma:

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2004, p.30).

Desse modo, podemos dizer que há um entrelaçamento entre o indivíduo, a sociedade e a cultura da qual faz parte. E, por isso, a posição que o sujeito desempenha socialmente perpassa pelo papel que a sociedade espera dele, pelo modelo ou molde estabelecidos de acordo com os padrões sociais. Estes constituem a amplificação de um papel social e propõem ao indivíduo técnicas que possibilitam sua interação social, isto é, sua vida em grupo. Na aldeia Guarani visitada, meninos e meninas jogavam todos juntos futebol. As condições materiais para o jogo eram pouco favoráveis, mesmo a bola estava pela metade, ainda que para aquelas crianças fosse sim uma bola. Bastava o

prazer da interação, da prática do jogo, dos movimentos e o prazer que permeava a atividade lúdica.

Apropriamo-nos do entendimento do fenômeno social e cultural *corporeidade*, trabalhado pontualmente por Le Breton, pertencente à área da Sociologia do corpo. Para ele, todas “as ações que tecem a trama da vida cotidiana” desde as mais frívolas até às que acontecem na vida pública são envolvidas pela *corporeidade*.

Em consonância com o que Breton chamou de “processo de socialização da experiência corporal” – algo constante da “condição social do homem” (LE BRETON, 2007, p. 08) – está o que alguns teóricos da Educação Física chamaram de *Cultura Corporal de Movimento*, proposta que surge “a partir de uma preocupação com o que se deve ensinar em Educação Física” e faz parte da cultura humana, “definindo e sendo definida pela cultura geral numa relação dialética” (GALVÃO *et al.*, 2008, p. 28).

Segundo Zenaide Galvão, Luiz Henrique Rodrigues e Luiz Sanches Neto, são constituintes da *Cultura Corporal de Movimento* uma considerável diversidade de conhecimentos, os quais foram ressignificados e transformados ao longo do tempo. Os autores complementam ainda que toda cultura humana é corporal, sendo desse modo pertinente a crítica à proposta referida, por sugerir certa redundância.

A relação dos índios Guarani com a natureza chama atenção pelo entendimento percebido sem a existência da mediação da palavra. Dito de outra forma, não precisávamos ouvir deles sua imanência com a natureza, pois a integração estava ali o tempo todo presente sem a necessidade da verbalização. O hábito de subir em árvores e o tipo de dança ritmada exemplificam bem tal fenômeno. Com as crianças indígenas vivenciamos movimentos corporais típicos de rituais em que há reverência à Terra, sugerindo aproximação e, mais que isso, indissociabilidade homem/natureza.

Figura 01 - Entre uma brincadeira e outra, outra brincadeira: criança indígena Guarani Mbyá.



Fonte: Acervo dos autores.

Figura 2 - Cachoeira dentro da aldeia: local de banho e também diversão.



Fonte: Acervo dos autores.

PARA ALÉM DA TUTELA DO CORPO E DO BRINCAR

É, portanto, um grande equívoco supor que as próprias necessidades infantis criam os brinquedos.

(Walter Benjamin)

A dimensão subjetiva que atravessa a materialidade do brinquedo, que Benjamin chama de espiritual, se configura naquela que acabava por definir, em função das relações das vidas cotidianas, as figuras, os estilos, as belezas, as representações, onde as possibilidades do brincar podiam se dar em espaços de liberdade de criação potenciais, a partir de sentidos vivos de uma cultura local. Partir de uma determinada realidade de significações simbólicas (presentes nos brinquedos) que constituíam um determinado viver e por meio do brincar, criar no imaginário, diversas outras possibilidades de interação e relacionamento humano, se constitui, para nós, este território de liberdade espiritual descrito por Benjamin.

A *aura* do diálogo do brinquedo industrializado com aquele que o criava, e deste (criador) com aquele que seria, necessariamente, o re-criador (criança) é destruída. Tanto a magia da criação quanto a liberdade da re-criação no brincar se perdem, quando o processo de industrialização e artificialização do brinquedo e do brincar se encontram confinados no interior da lógica do capital. A normatização e a tutela se estabelecem a partir do próprio modo de produção vigente, onde sonho e corpo se enquadram.

No século XX, os modelos especializados de conhecimento sobre o brincar e o brinquedo começam a tomar corpo e se estruturarem a partir de parâmetros acadêmico-científicos, tendo como base principalmente a psicologia e áreas específicas da psicopedagogia. O brincar/corpo agora passa então, a ser coisa de gente grande.

Muito mais que a pretensão de realizar aqui uma história do brinquedo/brincar e do brincar/corpo, procuramos, simplesmente, estabelecer alguns marcos que possam sustentar, mesmo de forma introdutória, uma crítica a uma visão do brincar e do brinquedo normatizados e reduzidos a uma visão especializada.

PELA LIBERDADE CRIATIVA E CRIADORA

E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam escutar a música.

(Nietzsche)

As várias compreensões de mundo tecidas às diversas potencialidades humanas acabam por demarcar a própria diversidade humana no campo das diferenças individuais e plurais. O humano é sujeito de seu processo. E este deve sê-lo, mesmo no brincar/corpo. Ali se dão também os espaços de construções-significações e de reconstruções/ressignificações do mundo.

Enfim, o que deve reger o mundo do brinquedo/brincar? Não será a brincadeira a origem de todos os hábitos? Não terá o lúdico a excelência do educar? Brinca-se e, quer-se mais, porque é gostoso! E não é este prazer sensorial, sinestésico, corpóreo? Saber e sabor se completam e o conhecer se faz presente na própria magia do viver. Essa é a conexão viva que encontramos nas aldeias Guarani.

Quando chegamos à aldeia, as crianças jogavam o futebol – elemento presente em nossa cultura, freqüentemente jogado por meninos. Estavam presentes alguns elementos característicos do esporte: balizas, algumas demarcações no campo e dois times que alternavam seus jogadores. Tudo de forma espontânea, sem um rigor contundente. Chamou-nos atenção o fato de as crianças comporem times mistos – sugerindo não distinção de gênero –, vestirem camisas de reconhecidos clubes de futebol e a comemoração de um gol com a trilha sonora da *Fórmula 1*, campeonato mundial de automobilismo.

O teor lúdico e a liberdade – esta caracterizada pela escolha e mudança de uma brincadeira para outra de forma espontânea – complementam-se e demonstram certa flexibilização no que tange às regras do jogo e das brincadeiras. E é por meio do *vetor semântico corpo* que as relações com o(s) outro(s) e com o mundo se dão: “Os feitos e gestos da criança estão envolvidos pelo padrão cultural (*ethos*) que suscita as formas de

sua sensibilidade, a gestualidade, as atividades perceptivas, e desenha assim o estilo de sua relação com o mundo” (LE BRETON, 2007, p. 08).

Figura 03 - Crianças jogando futebol. Destaca-se o improviso do campo, assim como a bola utilizada – rasgada ao meio.



Fonte: Acervo dos autores.

O futebol – elemento da cultura não-índia e prática corporal lúdica – não é exclusividade dos meninos e meninas da aldeia Guarani. Vânia de Fátima Noronha Alves, em seu texto “O corpo brincante Maxakali”, relata o esporte como sendo “paixão também indígena”. Segundo ela,

O futebol é uma das práticas corporais lúdicas bastante apreciadas entre os Maxakali, sendo denominado por eles *mot moyõn ax kãp* (futebol de campo). Por sua vez, a expressão *pop xi mot moyõn* significa jogar bola. Segundo o professor-índio Joviel Maxakali, o futebol, dentre outras práticas corporais, foi introduzido na década de 70, pela polícia dirigida pelo Capitão Pinheiro. Apesar de essa prática corporal ter sido incorporada após o contato com a população regional, constitui-se, hoje, como uma dimensão sócio-cultural fundamental entre eles, permitindo a identificação de traços étnicos inconfundíveis. Sua presença marcante e de considerável importância é logo percebida num pequeno passeio pelas reservas: assim como são fundamentais as construções das escolas, para o Maxakali, é imprescindível a delimitação de um espaço denominado *kãp* (campo) (ALVES, 2008, p. 21).

Identificamos o futebol como um exemplo de prática corpórea intercultural, visto que foi apropriado por algumas etnias indígenas (no caso, a etnia Guarani Mbyá, por nós visitada, e a etnia Maxakali, pesquisada por Vânia de Fátima Noronha Alves). A idéia de interculturalidade, que permite o diálogo entre culturas distintas – a *Nossa* com a do *Outro* – trabalha com uma questão cara à educação étnica: a afirmação da diferença, a qual permite não somente apropriações, mas também ressignificações. Entendemos assim, que:

A própria idéia de *interculturalidade* só pode aparecer e ser compreendida pelas possibilidades humanas de criar redes e nelas conhecimentos especiais de tolerância, de conviver, de liberdade de um e outro na relação recíproca, na idéia de que o outro é *legítimo Outro* (MATURANA, 1998), com direito à

existência plena e feliz, em suas crenças e valores diferentes e mesmo opostos aos nossos (ALVES, 2008, p.177).

A *interculturalidade* caminha com o entendimento de que não há cultura estática e por conta disso propõe relações multilaterais, dialógicas - promovendo assim, um intercâmbio cultural. Seu entendimento vai ao encontro da busca da afirmação das diferenças e do respeito ao *legítimo Outro*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto está longe de conclusões definitivas. Procuramos, portanto, apresentar algumas leituras iniciais sobre o que vivenciamos na comunidade indígena Guarani Mbyá, da aldeia Sapukai, distrito de Bracuí, em Angra dos Reis, a respeito da maneira de lidar com o corpo no mundo, das práticas corpóreas existentes na etnia referida, do diálogo intercultural. O que aqui demonstramos é fruto de nossas discussões e intervenções/atuações nos projetos de pesquisa: “Educação Escolar Indígena: entre memórias e narrativas Mbyá Guarani em Paraty e Angra dos Reis – RJ” e “Memórias da identidade e educação indígena no Brasil: o corpo e o teatro jesuíta como instrumento pedagógico na escola para índios nos séculos XVI e XVII” – coordenados pelo professor Aloisio Jorge de Jesus Monteiro, docente da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Chamou-nos atenção a maneira de os indígenas Guarani intervirem no mundo de forma prazerosa, isto é, com um corpo capaz de mais bem realizar o feito de ser o eixo da relação com o mundo e com o(s) Outro(s). Percebemos também a relevância acadêmica da temática da educação indígena e sua imbricação com a questão do corpo e, talvez mais apropriadamente, da corporeidade, entendendo a ludicidade como o momento de educação por excelência. As fotografias aqui apresentadas representam justamente o prazer do/pelo movimento – prazer sensorial, sinestésico, corpóreo. Pois, ratificamos, saber e sabor se completam e o conhecer se faz presente na própria magia do viver. Eis a conexão viva que encontramos na aldeia Guarani e procuramos nestas linhas demonstrar.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Lembranças em imagens. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre (Orgs.). *Narrativas de formação e saberes biográficos*. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.

ALVES, Vânia de Fátima Noronha. *O corpo brincante Maxakali*. 2000. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaio sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (V.1).

GALVÃO; *et al.* Cultura Corporal de Movimento. In: DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. *Educação Física na Escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

GONÇALVES, Marco Antônio. *O simbolismo do corpo na cultura indígena*. Rio de Janeiro: Museu do índio, [2004]. Folder da exposição Corpo e Alma Indígena.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. *Intervenção e reflexão: considerações sobre a produção acadêmica a respeito da educação escolar indígena no Brasil*. [S.l.]: [s.n.], [20-]. Mimeo.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 17 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LINTON, Ralph. O indivíduo, a cultura e a sociedade. In: CARDOSO, Fernando Henrique & IANNI, Octávio. *Homem e sociedade: leituras básicas de sociologia geral*. 13 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1983. p. 98-102.

MACEDO, Roberto Sidnei. *Etnopesquisa crítica, etnopesquisa-formação*. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.